

**Resumos Expandidos****COLONIZAÇÃO DA TRANSAMAZÔNICA DURANTE O GOVERNO MILITAR: MANIFESTAÇÕES DO DISPOSITIVO COLONIAL**Renata Belz Kruger<sup>1</sup>Área: **Espaço, território e sociedade**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA) – Edital 002/2021 PPGHIST UNIFESSPA.

**INTRODUÇÃO**

Buscamos no presente trabalho analisar as manifestações do dispositivo colonial no processo de colonização da Amazônia dirigida pelo governo militar. Nesse processo, instrumentos foram mobilizados pelo governo com o objetivo de estimular e promover os deslocamentos de grupos das demais regiões do país para o projeto de colonização da Amazônia. Dentre os instrumentos mobilizados pelo governo para potencializar a colonização região, destaca-se o Programa de Integração Nacional (PIN), assinado pelo presidente Médici em 1970 e matérias publicadas na revista Manchete, periódico de grande circulação na época. Para isso, são articuladas contribuições teóricas de Foucault a respeito do dispositivo e apontadas as aproximações e relações do projeto de colonização empreendido pelo governo militar com o conceito de colonialidade. São alvo de crítica e discussão sobretudo os

---

<sup>1</sup> Mestranda em História na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA | renatabelzkruger@hotmail.com

instrumentos para colonização da Amazônia compreendidos como manifestações do dispositivo colonial.

## **O DISCURSO DO GOVERNO MILITAR**

A ideia de Integração Nacional defendida pelo governo militar deve ser analisada como uma posição política do Estado que ganhou força a partir de mudanças no cenário político nacional e internacional, sobretudo no final da Segunda Guerra Mundial e avanço da Guerra Fria. A segurança nacional passou a ser parte fundamental do discurso militar para sua colonização. Assim, a posição política do Estado nada se relacionou com demandas internas, ou seja, a política de Integração Nacional não surgiu a partir de reivindicações de agentes históricos que habitam na Amazônia. A integração da econômica da Amazônia aos demais centros produtivos do Brasil passou a ser operada como um imperativo à política de Integração Nacional. (JOANONI NETO E GUIMARÃES NETO, 2017).

Pereira (2014) explica que nos 1970 a notícia da implantação do grande projeto de colonização que pretendia colonizar as margens da Transamazônica despertou o interesse e promoveu a migração de milhares de famílias de trabalhadores rurais empobrecidos para a Amazônia. O autor aponta que essa foi uma concretização do ideal do governo militar, após 1964, de estimular o fluxo migratório para essa região, que era vista pelo Estado como um grande vazio demográfico. O discurso oficial garantia que o deslocamento da população do Nordeste excedente solucionaria os conflitos sociais da região e criaria polos de mão de obra que beneficiaram a expansão dos grandes projetos agropecuários, minerais e industriais na Amazônia.

O discurso de Médici considera necessária a colonização da Transamazônica para solucionar o problema do homem sem terras no Nordeste e a terra sem homens na Amazônia, de modo a sobrelevar a urgência de aproveitar o potencial econômico da região ociosa através da expansão do setor agropecuário e da exploração mineral. Esse discurso, na análise de Pereira (2014), se associava a políticas de desenvolvimento e de segurança nacional que outros governos militares já planejavam para a Amazônia.

## O DISPOSITIVO COLONIAL

O presente trabalho se encarrega de analisar a colonização da Amazônia através de uma perspectiva que compreende o dispositivo colonial. Como materialização do dispositivo colonial, tem-se os instrumentos que foram mobilizados para estimular os deslocamentos em direção à Amazônia durante a campanha de colonização articulada pelo governo militar principalmente durante a década de 1970. Esses instrumentos funcionaram ainda para manipular o imaginário social sobre a colonização da Amazônia e criar uma áurea para a proeza do governo.

Segundo Lisbôa (2021), o conceito de dispositivo é abordado como uma ideia operacional para analisar o poder nas relações sociais, que se aplica as variadas formas de se exercer e administrar o controle social, uma vez entendido que o dispositivo está sempre inscrito em um jogo de poder. Como assevera Foucault (1979, p. 146) apud Lisbôa (2021, p. 47), “é isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles”.

Nesse sentido, na busca de localizar o termo dispositivo no processo de colonização europeia na América Latina, Ivânia Neves se dedica à defesa do conceito de dispositivo colonial, como explica Lisbôa (2021). A autora explica que essa defesa é proposta baseada no entendimento de que a partir da colonialidade o dispositivo pode ser realocado para compreensão específica de problemas sociais que surgem como efeitos da colonização. É razoável salientar o reconhecimento da autora da diferença entre a realidade do proletariado na Europa, originalmente pensado por Foucault, e a realidade do negro e do indígena na América Latina. Desse modo, a autora propõe o dispositivo como ferramenta para compreender as heranças coloniais na sociedade brasileira.

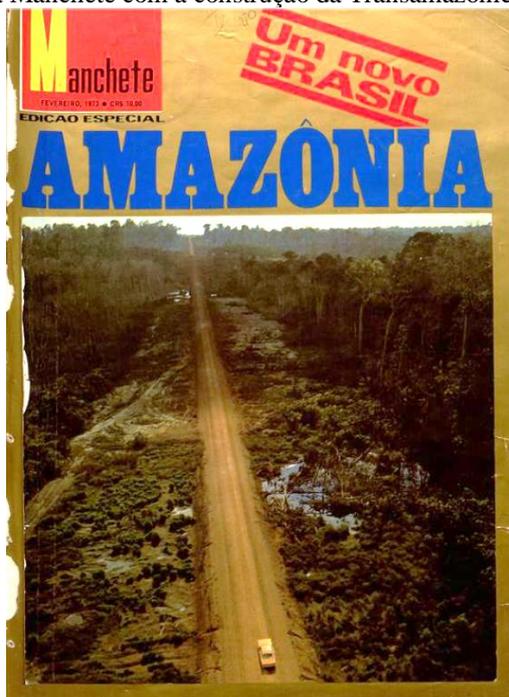
Este grande dispositivo, o sistema colonial, engloba o poder colonial das metrópoles europeias e a colonialidade, que representa sua atualização, com seus diferentes matizes, prossegue nas histórias das sociedades amazônicas e em muitas outras histórias da América Latina. (NEVES, 2015, p. 31 apud LISBÔA, 2021, p. 48).

No presente trabalho partimos da compreensão de dispositivo em Foucault tanto das ações governamentais de colonização quanto da produção de subjetividade dos sujeitos, visto que há uma relação mútua no mesmo processo. Na sessão a seguir são elencados alguns dos instrumentos articulados durante a colonização da Amazônia.

## INSTRUMENTOS PARA COLONIZAÇÃO DA AMAZÔNIA

O corredor de migração para a Amazônia consistiria na Transamazônica. A rodovia BR-230, proposta no PIN, foi idealizada para permitir o acesso dos novos habitantes vindos da região Nordeste do país. Um projeto grandioso, a Rodovia Transamazônica atravessa as regiões Nordeste e Norte e é protagonista na colonização da região.

**Figura 01:** Capa da revista Manchete com a construção da Transamazônica e um novo Brasil.



**Fonte:** Acervo da Biblioteca Nacional Digital.

De acordo com Braga (2015), a construção da Transamazônica era divulgada pela grande imprensa como uma ambiciosa obra de integração nacional e continental, proposta como uma saída aos problemas enfrentados sobretudo no Nordeste. A Figura 01 mostra uma capa da

Revista Manchete, que foi uma das maiores vinculadoras midiáticas da Rodovia Transamazônica. A capa é da edição especial de letra “A” publicada em fevereiro de 1973. Na capa, acima da inscrição “Amazônia” em letras garrafais, está o anúncio de “um novo Brasil” semelhante a um carimbo, corroborando com a promessa de que com a colonização da grandiosa Amazônia, sendo a abertura da Transamazônica sua peça-chave, um novo Brasil emergiria da selva. A imagem posta na capa é impactante, a reta contínua da Transamazônica aberta no meio da floresta e um automóvel, no início da foto, que parece corajosamente explorar a nova longa estrada a ser colonizada.

Como bem explica Malheiro (2020), a Amazônia é tratada como exterioridade à humanidade brasileira, e em uma linha civilizatória a natureza representa a imaturidade/inferioridade e o progresso histórico é representado pela sociedade. A Amazônia é produzida como um “fora”, sua natureza e diversidade representavam uma exterioridade em relação a nação. Desse modo, para a inclusão do fora absoluto em a Amazônia é produzida, a ficção nacionalista se utiliza de políticas de valorização da riqueza da natureza, do povoamento do vazio demográfico e racional, da defesa do território e garantia da soberania nacional. (MALHEIRO, 2020).

**Figura 02** - Menção à Transamazônica na edição de 150 anos da Independência na revista Manchete.



**Fonte:** Acervo da Biblioteca Nacional Digital.

Na edição especial dedicada aos 150 anos da Independência do Brasil, exibida na Figura 02, a revista Manchete faz referência a Transamazônica, que rasgada na maior floresta do mundo, vai servir para a notável tarefa de integração nacional. Além disso, é posto no cartaz que a Transamazônica permitirá concretizar a investida da civilização na área mais bravia do planeta. Observamos aqui como o discurso reforça a civilização como uma necessidade e um ato de heroísmo diante da selvageria da Amazônia.

A partir das investidas do governo militar, a Amazônia passou a ser vinculada como a “terra prometida”. Guimarães Neto (1986) discorre sobre o mito da Amazônia produzido e reproduzido a partir das condições políticas da década de 1970 no país. A motivação para migração era um paraíso prometido, no entanto a realidade da nova terra era discrepante das expectativas que foram nutridas pelos migrantes a partir das campanhas de colonização do governo. Guimarães Neto (1986) aborda como a “terra fantástica” da Amazônia arrastou um grande número de famílias pela promessa de terra abundante e próspera, no entanto, desafios marcaram essa trajetória. A autora trata da articulação que o governo militar empreendeu sobre a Amazônia para justificar e promover sua exploração como a “invenção do paraíso”.

A representação da Amazônia como novo Eldorado significou, do ponto de vista político, um agente catalizador dos interesses dos trabalhadores rurais, sejam pequenos proprietários ou não. O mito passou a ser, nesse sentido, um poderoso instrumento de poder nas mãos dos setores dominantes (Guimarães Neto, 1986, p. 5).

É importante notar que as duas imagens apresentadas no presente trabalho mostram a Amazônia vista de cima. Morbach (2001) já chamara a atenção para esse fato, que se associa imediatamente ao discurso do vazio amazônico. A autora argumenta que a aliança entre o Estado e a expansão capitalista comporta alguns elementos característicos, que são a homogeneidade, infinitude e o isolamento, e estão por trás dos instrumentos de intervenção governamental fundamentais, a exemplo do vazio demográfico, a soberania e a segurança nacional.

Morbach (2001) evidencia que as imagens aéreas em variadas publicações sobre a Amazônia, como nas imagens observadas na revista Manchete, são extremamente comuns na representação da região. Com elas, a homogeneidade da paisagem é reforçada, visto que aparece

de maneira similar como uma massa verde em todas as fotografias. A impressão de infinitude é dada a partir das fotografias que abrangem a massa verde e não demonstram efetivamente a diversidade de vida, o que se percebe é a imensidão da floresta. Além de imensa e incomensurável, a região é também vista como isolada e vazia. O vazio se inscreve como o principal norteador das elaborações do governo, de modo que “os militares estarão empenhados em descrever esse vazio como esperança, como possibilidade, como um novo lugar: a partir do vazio tudo pode ser construído” (MORBACH, 2001, p. 4).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A difusão da trama imagética difunda sobre a construção da rodovia da Transamazônica na Revista Manchete é sintomática do ideal de grandeza e heroísmo a colonização da Amazônia representava. A construção da Amazônia como um espaço vazio e exterior a realidade conformada como nação serviu de justificativa para a colonização da região. Assim, a Amazônia necessitava ser ocupada apesar dos desafios e sacrifícios, e a colonização era vista como um ato de bravura histórica de um projeto nacional, como revela Malheiro (2020). Assim, através da ideia de vazio e isolamento da região fincados no discurso governamental, era promovido o heroísmo em seu desbravamento.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Magno Michell M. **Rota Transamazônica. Nordestinos e o Plano de Integração Nacional**. 1ª edição. Curitiba: Prismas Editora, 2015.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A lenda do ouro verde**. Tese (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1986.

JOANONI NETO, Vitale; GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A Amazônia e a política de Integração Nacional: o discurso da modernização entre o passado e o presente**. Diálogos Latinoamericanos, [S. l.], v. 18, n. 26, p. 14, 2017. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/dialogos/article/view/112740>. Acesso em: 12 jun. 2021.

LISBÔA, Flávia Marinho. **O dispositivo colonial: entre a arqueogenealogia de Michel Foucault e os estudos decoloniais**. Revista Moara/Estudos Linguísticos, Edição 57, v. 2/jan-jul 2021. ISSN: 0104-0944. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/8868>. Acesso em 17 dez. 2021.

MALHEIRO, Bruno Cezar P. **Colonialismo Interno e Estado de Exceção: a “emergência” da Amazônia dos Grandes Projetos**. Caderno de Geografia, v. 30, n. 60, p. 74-98, 2020. ISSN 2318-2962. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/20906/16395>. Acesso em: 07 jan. 2022.

MORBACH, Marise Rocha. **A publicidade no período Médici: os efeitos da propaganda de ocupação da Amazônia**. INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Campo Grande/MS, 2001. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/122003350579377410508479055427843866148.pdf>. Acesso em 23 dez. 2022.

PEREIRA, Airton dos Reis. **Colonização e conflitos na Transamazônica em tempos da ditadura civil-militar brasileira**. CLIO – REVISTA DE PESQUISA HISTÓRICA, v. 31, n. 2, 2014, p.01-16. ISBN: 0102-9487. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24452/19771>. Acesso em: 14 out. 2021.